

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
SÃO BORJA
JORNALISMO**

ALLAN VINICIUS KUBALL COELHO

**RAÍZES RIOGRANDENSES:
A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CTG E AS ORIGENS DO TRADICIONALISMO
GAÚCHO EM SANTA CATARINA**

São Borja

2017

ALLAN VINICIUS KUBALL COELHO

**RAÍZES RIOGRANDENSES:
A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CTG E AS ORIGENS DO TRADICIONALISMO
GAÚCHO EM SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para aprovação no componente curricular obrigatório Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

Prof.: Leandro Ramires Comassetto

São Borja

2017

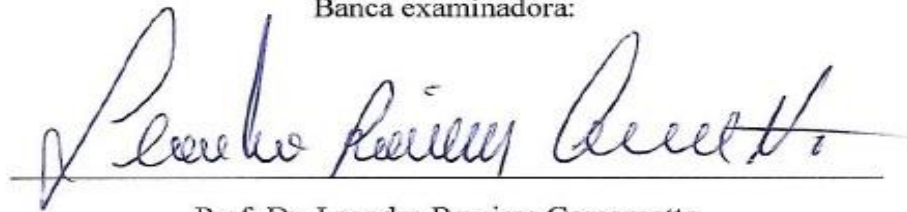
ALLAN VINICIUS KUBALL COELHO

**RAÍZES RIOGRANDENSES:
A CRIAÇÃO DO PRIMEIRO CTG E AS ORIGENS DO TRADICIONALISMO
GAÚCHO EM SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05/07/2017

Banca examinadora:



Prof. Dr. Leandro Ramires Comassetto

Orientador

UNIPAMPA



Prof. Dr. Miro Bacin

UNIPAMPA



Prof. Dr. Joel Felipe Guindani

UNIPAMPA

Dedico este trabalho principalmente aos meus pais, que contribuíram durante toda essa minha trajetória pessoal e acadêmica, e sempre acreditaram no meu potencial e na minha capacidade. À minha família, amigos, amor, colegas e ao meu orientador Leandro Ramires Comasseto, que foram essenciais para a minha formação.

AGRADECIMENTO

A parte mais difícil e importante da graduação e do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) é de ter chegado até aqui, são inúmeros agradecimentos a todas as pessoas que tiveram direta ou indiretamente alguma participação durante esses quatro anos de uma longa e incrível experiência longe de casa.

Primeiramente tenho a agradecer aos meus pais por tudo que me proporcionaram durante todo esse trajeto na minha vida até agora, e aos frutos e problemas que lhes proporcionei. E a toda minha família Kuball, Coelho, Schergl por todo apoio e carinho recebido desde quando sai de casa para poder cursar a universidade, e tenham me dado forças e acreditaram em mim até hoje, completando esse ciclo.

As famílias Lisboa, Comasseto, Poletto, Azambuja, Viana, Bohusch e tantas outras que estiveram comigo durante essa jornada fora e dentro da universidade. E também a minha queridíssima Andrezza Lisboa que esteve comigo desde quando pisei em São Borja, e está comigo até hoje mesmo em um período difícil e de afastamento, mas que ainda permanece o sentimento, o carinho e a amizade acima de tudo.

Aos meus amigos, que mesmo com toda essa distância, separados ou juntos por alguns momentos, e aos novos amigos que fiz durante esse período da faculdade, meus sinceros agradecimentos a todos que apoiaram de alguma forma, com todos os problemas que aconteceram ao longo dos anos, mas que de alguma forma entendem os motivos e estão comigo para o que der e vier. Todos os antigos e aos atuais membros do apartamento #1213 que de todas as formas, além do coleguismo e amizade a união sempre prevaleceu.

Ao meu querido amigo e orientador Leandro Ramires Comassetto e sua esposa (Sandra Poletto) e sua filhinha (Cacau Comassetto) que desde 2015 mantemos um laço tão forte que ultrapassou as fronteiras da Unipampa, e esteve comigo nos piores e melhores momentos da minha vida pessoal e acadêmica, com certeza fazem parte da minha família dentro e fora de São Borja.

Colegas, professores e funcionários da Unipampa que contribuíram para meu fortalecimento profissional dentro do curso de Jornalismo, e além do relacionamento profissional a amizade se mantiveram sempre.

Esse diploma é especialmente para vocês que de alguma forma fizeram parte dessa conquista, e serei eternamente grato por tudo, por me tornar essa pessoa que eu sou hoje.

“Você não pode colocar qualquer limite,
nada é impossível”.

Usain Bolt

RESUMO

Este projeto pretende buscar e promover um resgate histórico-cultural do tradicionalismo gaúcho na região oeste de Santa Catarina, Estado em que, em sua extensão Oeste, a cultura rio-grandense expõe raízes da cultura gaúcha quase tão intensas como as encontradas no Rio Grande do Sul. Além de preservar hábitos como o churrasco, o chimarrão, a paixão e a identificação com os times de futebol, os rodeios, a música, a forma de comunicação através do rádio, Santa Catarina é o segundo Estado brasileiro em número de CTG's, com número equivalente a um terço dos Centros de Tradição existentes no Rio Grande do Sul. O documentário jornalístico resultante desta investigação tem por objetivo investigar os fatores em que se formou essa identificação cultural a partir do primeiro CTG em Santa Catarina, mapeando entidades tradicionalistas, atores e manifestações midiáticas e musicais que contribuíram para a disseminação dessa cultura em seu território, contribuindo, assim, para o enriquecimento do acervo científico da cultura gaúcha no oeste catarinense.

Palavras-Chave: Cultura gaúcha, Tradicionalismo, CTG, Documentário Jornalístico, Santa Catarina.

ABSTRACT

This project aims to seek and promote a historical-cultural rescue of Gaucho traditionalism in the western region of Santa Catarina, a state in which, in its western extension, the Rio Grande culture exposes roots of the gaucho culture almost as intense as those found in its land. In addition to preserving habits such as barbecue, chimarrão, passion and identification with football teams, rodeos, music, the form of communication through the radio, Santa Catarina is the second Brazilian state in number of CTG's, with number Equivalent to one third of the Tradition Centers in Rio Grande do Sul. The documentary aims to investigate the factors that formed this cultural identification from the first CTG in Santa Catarina, mapping traditionalist entities, actors and media and musical manifestations that Contributed to the dissemination of this culture in its territory, contributing, therefore, to the enrichment of the scientific collection of the gaucho culture in the west of Santa Catarina.

Keywords: Gaucho Culture, Traditionalism, CTG, Documentary journalistic, Santa Catarina.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVO GERAL	9
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
3 ENFOQUE EXPERIMENTAL.....	10
4 JUSTIFICATIVA	11
5 REFERENCIAL TEÓRICO	12
5.1 Cultura Gaúcha em Santa Catarina	12
5.2 O Centro de tradições gaúchas em Santa Catarina	14
5.3 A identidade cultural do gaúcho	15
5.4 A importância e características do documentário	16
6 METODOLOGIA APLICADA	17
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul, entre outros fatores, é reconhecido nacionalmente por sua identidade cultural. O regionalismo e o cultivo às tradições estão presentes não apenas nas manifestações culturais mais relacionadas ao campo artístico, como a música, a dança, a literatura, mas também se fazem notar com bastante evidência nos hábitos do cotidiano, seja na culinária, pelo churrasco e pelo chimarrão, seja pela cultura campeira, na lida com o gado, o campo e os rodeios. Essa forte carga simbólica, que viria a sedimentar a identidade do gaúcho, explica-se, em parte, pela riqueza histórica do processo colonizador decorrente, primeiro, de demarcações geográficas conflituosas e, depois, pela tentativa de constituição de uma pátria independente, o que remete a um passado ufanista. Mas também se deve, curiosamente, ao processo migratório deflagrado no início do século XX, o que viria a estabelecer colônias tipicamente “gaúchas” de sul a norte do Brasil.

Neste trabalho de conclusão de curso, em que se pretende promover, por obra de um documentário jornalístico audiovisual, um resgate histórico-cultural do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina – mais precisamente no tocante às origens do primeiro CTG (Centro de Tradições Gaúchas) fora do Rio Grande do Sul – é isso que nos interessa.

Faz-se importante notar que, em algumas regiões do país, e no Oeste catarinense essa realidade é bastante evidente, a cultura riograndense apresenta raízes quase tão fortes como as encontradas em solo gaúcho. Além de cultivar hábitos como o churrasco, o chimarrão, a música, a dança, os rodeios, a vestimenta, verifica-se uma afinidade até na comunicação radiofônica e na predileção pelos times de futebol. Obviamente que, além da proximidade geográfica, isso se explica pelo fato de que Santa Catarina foi o estado que mais recebeu migrantes gaúchos ao longo do processo migratório ocorrido no século passado e, ainda hoje, é a região com maior contingente populacional nascido no Rio Grande do Sul (SILVA, 2010).

Não por acaso, pode-se dizer que, em termos culturais, o Oeste catarinense é uma extensão do Rio Grande do Sul. E é isto que este trabalho procura retratar a partir do documentário jornalístico, que tem por foco o CTG Fronteira da Querência, criado em 1957, na cidade de Concórdia – SC, e que foi o primeiro Centro de Tradições Gaúchas a ultrapassar os limites riograndenses.

2 OBJETIVO GERAL

Produzir um documentário audiovisual sobre a criação do primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul e as origens do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar as motivações do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina, a partir do resgate histórico relacionado à colonização do estado (bibliografia e documentos) e depoimentos de historiadores, tradicionalistas e representantes de entidades identificadas com a cultura gaúcha no estado vizinho;
- Retratar valores culturais e manifestações artísticas mais relevantes da cultura gaúcha em Santa Catarina;
- Registrar as origens do movimento tradicionalista riograndense em terras catarinenses.

3 ENFOQUE EXPERIMENTAL

Para o intento a que nos propomos, optou-se pela realização de um trabalho com enfoque experimental, ou seja, a realização de um documentário audiovisual, por entendermos que esta é uma forma rica e eficiente de retratar a realidade, tendo em vista a riqueza de imagens existentes. Assim, utilizando-se das técnicas jornalísticas aliadas às do cinema, que é o que constitui o documentário, chegamos à conclusão de que isso poderia resultar num produto de fácil veiculação e grande aceitação popular para expressarmos as ideias aqui expostas. Como bem expressa Bernard no prefácio à 2ª edição de sua obra clássica sobre as técnicas de produção do documentário, este se constitui numa forma de jornalismo que, além de grandiosa, independente e desafiadora, “inspira, motiva, educa, exacerba e entretém” (BERNARD, 2008, p. 11).

Assim, o documentário procurou versar sobre o resgate histórico do cultivo às tradições gaúchas em Santa Catarina e o apego à cultura rio-grandense, com enfoque a partir da criação do primeiro CTG (Centro de Tradições Gaúchas) em solo catarinense, fato ocorrido em 1957, na cidade de Concórdia, localizada a Oeste do Estado, região densamente povoada por migrantes rio-grandenses a partir da deflagração do processo colonizador ocorrido em início do século XX (WERLANG, 2016).

4 JUSTIFICATIVA

O Rio Grande do Sul destaca-se por sua identidade cultural marcante. Isso está patente não apenas nos hábitos cultivados pelos gaúchos, mas também no sentimento de apego aos valores históricos e tradições. É curioso é observar que, dentro ou fora do território geograficamente demarcado, a força da cultura gaúcha rapidamente se faz sobressair, evidenciando suas marcas e influenciando os que têm oportunidade de conhecê-la, seja dentro do próprio Rio Grande ou nos demais estados do Brasil.

No caso do presente trabalho, o interesse recai sobre o estado vizinho de Santa Catarina, não só pela proximidade geográfica e pelo número de gaúchos que ali reside, mas pelo forte apego às tradições gaúchas e o cultivo de muitos hábitos riograndenses, conforme observado presencialmente pelo próprio autor desta pesquisa, bem como por relatos de cidadãos, apreciadores da cultura e tradicionalistas que lá residem. Este pesquisador, aliás, teve a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa, que resultou na elaboração de um documentário sobre a vida e obra de um artista gaúcho em terras catarinenses, e que, curiosamente, foi um dos fundadores do primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul.

Santa Catarina, conforme já levantado por historiadores como Folador (2010) e Silva (2010), é o Estado que demonstra maior identificação com a cultura riograndense, o que pode ser rapidamente medido pelo número de CTGs, que passam de 600, o que equivale a quase um terço do total de centros de tradição gaúcha existentes no Rio Grande do Sul. E o curioso, aliás, é que muitos desses CTGs, como identificado por Silva (2010), foram fundados por catarinenses e não exatamente por gaúchos de origem. Os CTGs constituem-se em um movimento cívico-cultural, que traz como princípios básicos o respeito aos direitos humanos da liberdade, igualdade e humanidade. Dentre os costumes que buscam preservar, estão as artes (dança, música, literatura), as tradições e o folclore nativo do Estado. O tradicionalismo é a exaltação das práticas dos antepassados, baseando-se no modo de vida regional. E o movimento tradicionalista encarrega-se de criar um amplo sistema de símbolos e representações, além de construir sentidos com os quais as pessoas passam a se identificar, conectando o presente ao passado, e serve de conforto principalmente aos que migram na tentativa de matar a saudade e criar um sentimento de pertencimento.

Isso ajuda a explicar por que, em Santa Catarina, o primeiro CTG surgiu apenas dez anos após a criação do primeiro Centro de Tradições em território gaúcho. O fato deu-se em 1957, numa cidade do Oeste catarinense, colonizado em grande parte por colonos gaúchos, de origem ítalo e teuto-brasileira, que saíram do noroeste do Rio Grande do Sul em meio a um

fluxo migratório em busca de novas terras e melhores oportunidades de trabalho. Nem por isso, viraram as costas para suas origens, criando formas de cultivar a cultura riograndense e assim manter a identificação em torno de seus valores.

É, sobretudo, por conta dessa demonstração de apego e pertencimento a uma cultura (aspecto que aprofundamos no decorrer deste relato, ancorado nos estudos de Stuart Hall, 2002) altamente identificada com as origens desses migrantes que se entendeu da pertinência de desenvolvimento de um documentário jornalístico demonstrando o enraizamento do tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina. Na impossibilidade de abranger todos os aspectos, pela abrangência do tema, optou-se por focar o trabalho (produção do documentário) no resgate histórico das tradições riograndenses tomando-se como ponto de partida a criação do primeiro CTG – Centro de Tradições Gaúchas – fora do Rio Grande do Sul, ou seja, o CTG Fronteira da Querência, na cidade de Concórdia – SC, em 1957. Procurou-se, sobretudo, a partir de documentos históricos, acervo cultural, imagens de arquivo e depoimentos, inclusive de fundadores ainda vivos, saber das motivações que levaram à criação do primeiro CTG em terras catarinenses. Além disso, a pesquisa (e, conseqüentemente, o filme) objetivou retratar como eram as atividades desenvolvidas pelo CTG, demonstrar como se dava a relação com o Rio Grande do Sul e a identificação com a cultura gaúcha e, também, como se mantém viva a tradição nos dias atuais, 60 anos depois de sua fundação.

Faz-se importante observar que, além de ser uma pesquisa de relevância histórico-cultural, de importância para a memória da cultura riograndense, o trabalho resulta na elaboração de videodocumentário sobre a cultura gaúcha além dos limites riograndenses.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção deste trabalho, foram consultadas diversas obras e autores, de modo a destacar o surgimento da cultura e do tradicionalismo gaúcho em terras catarinenses, a forte identidade que caracteriza o pertencimento e apego à cultura riograndense e a importância do documentário jornalístico para o resgate da memória e registro histórico dos fatos marcantes relativos ao movimento tradicionalista em Santa Catarina.

5.1 Cultura Gaúcha em Santa Catarina

No início do século XX, inicia-se um processo migratório sul-rio-grandense para os demais estados do Brasil. Durante o século XX, o Rio Grande do Sul recebeu uma grande

quantidade de pessoas oriundas da Europa, nas diversas áreas de formação de colonização alemã e italiana através de pequenas propriedades agrícolas. Logo, a multiplicação dessas famílias resultou na falta de terras para o cultivo e sustento dos descendentes, em sua maioria de origem italiana e alemã. Sem melhor alternativa nas colônias estabelecidas nos limites do Estado, partiram à procura de novas frentes de expansão, estabelecendo-se com a formação de “novas colônias” no interior de outros estados, principalmente nos geograficamente mais próximos ao Rio Grande do Sul, em regiões ainda pouco habitadas e que promoviam a ocupação por colonos interessados em cultivar a terra e fomentar o desenvolvimento dessas áreas.

Segundo Silva (2010),

O fato dos migrantes optarem por Santa Catarina e Paraná deu-se por conta das companhias colonizadoras desses estados pertencerem, em sua maioria, a empresários do Rio Grande do Sul, que, diante da dificuldade em obter novas áreas para a comercialização naquele estado, passaram a atuar na venda das terras desocupadas no oeste catarinense, onde o governo concedia a estas empresas terras devolutas, em troca da construção de estradas, transformando-os nos principais responsáveis pelo processo de recrutamento e povoamento do oeste de Santa Catarina (SILVA, 2010, p. 57).

Em 1926, os colonos gaúchos iniciam sua trajetória em viagem fluvial pelo rio da Várzea e pelo rio Uruguai, chegando até a localidade de Porto Novo, no oeste de Santa Catarina. Em meados dos anos 1960, o estado catarinense recebeu maior número de imigrantes gaúchos, até que suas frentes agrícolas viessem a se esgotar, o que acarretaria uma nova migração para o estado do Paraná, situação esta que perduraria até o fim do século passado, com os descendentes de gaúchos alcançando também outras frentes em estados mais ao norte, sobretudo em regiões do Mato Grosso, Goiás, Rondônia e Pará.

De acordo com Silva, o migrante riograndense, ressentido por não ter condições econômicas de ter permanecido em seu estado, demora a inserir-se culturalmente no meio que o recebe e passa a viver a espécie de “uma comunidade imaginada” gaúcha nesses novos territórios. Diz a historiadora que

A fim de fortalecer o “ser gaúcho”, é necessário que as práticas que foram incluídas nessas comunidades sejam retomadas no novo espaço, e para tal serão criadas as instituições que irão garantir a permanência dessa tradição de cultivar símbolos e histórias, que serão os chamados CTGs (SILVA, 2010, p. 60).

Os CTGs – Centros de Tradições Gaúchas - surgiram com o objetivo de cultivar valores, símbolos e histórias relativas às práticas que foram incluídas nessas comunidades, resgatando também as tradições cultivadas em seu território de origem. Faccioni (1998) complementa que

As carroças que carregavam os filhos dos imigrantes para outras regiões levaram mais do que velhos baús e colchões de palha para as colônias novas: **levaram o fermento de uma cultura, nascida do casamento das raças, costumes e tradições** (grifo do autor), pertinaz dedicação ao trabalho, numa harmônica convivência que se destinava a ser um marco do século 20 (FACCIONI, apud MAESTRI, 1998, p. 203).

Mais que uma vinculação direta com o território, portanto, é a relação com o passado que identifica esse migrante. No dizer de Hall, é isso “que dá significado e importância à nossa monótona existência” (Apud SILVA, 2010, p. 62), visto que as práticas do cotidiano possuem um vínculo direto com o passado, suprimindo o sentimento de saudade e necessidade de pertencimento. De modo que, segundo Delazeri (2010), hoje qualquer pessoa poderá ser um tradicionalista gaúcho, não importando sua nacionalidade; o importante é que a pessoa se sinta integrada, no sentido de haver sentimento. Para o Presidente da CNATGB - Confederação Norte Americana do Tradicionalismo Gaúcho Brasileiro,

Hoje para ser Gaúcho Tradicionalista, não é necessário ter nascido no Rio Grande do Sul, pode ter nascido, em qualquer País do Mundo, basta ser amante da Cultura Gaúcha, usar suas vestes ou a Pilcha Gaúcha, gostar de um bom churrasco e tomar chimarrão. O ser Tradicionalista Gaúcho é algo que vem de dentro da pessoa e se transforma em uma manifestação de amor à Cultura e às Tradições do Rio Grande do Sul, voltada ao passado conservando os princípios da família (DELAZERI, apud SILVA, 2010, p. 62).

5.2 O Centro de tradições gaúchas em Santa Catarina

A criação do primeiro CTG em Santa Catarina ocorreu em 1957, formada por migrantes riograndenses. Diz Silva (2010) que a nova entidade inicia com um discurso, “impondo limites nessa comunidade imaginada gaúcha”, com a finalidade de cultivar a cultura do Rio Grande do Sul, porém em terras catarinenses (p. 68).

A fundação dessa entidade dá-se em função de um grupo de danças intitulado “Roda de Chimarrão”. O gaúcho Orestes Perotto, considerado o propulsor do tradicionalismo na região, é o seu idealizador. Na mesma época, com o mesmo nome, foi criado o primeiro programa de rádio, na antiga Rádio Sulina, atual Rádio Rural, onde Perotto era locutor do programa. Em 18 de dezembro de 1957, ocorre a primeira reunião oficial, sendo registrada a primeira ata, resultando na fundação do CTG com o nome de “Fronteira da Querência”, na cidade de Concórdia. A escolha do nome, segundo os idealizadores do Centro de Tradições, justifica-se pelo fato de

Concórdia estar localizada na fronteira com o estado do Rio Grande do Sul, berço do tradicionalismo gaúcho no Brasil. Os participantes da primeira reunião registram em ata seu contentamento pela concretização de uma antiga aspiração dos gaúchos radicados nesta cidade. Finalizando o encontro, o Dr. Maruri, primeiro patrão do CTG,

propôs aos presentes uma homenagem especial aos componentes do programa Roda de Chimarrão, fazendo constar o nome de todos na primeira ata lavrada há 50 anos (SILVA, 2010, p. 68).

Silva ressalta que, “com exceção da primeira entidade, fundada em Concórdia em 1957, e outras poucas, a chegada dos demais CTG’s em Santa Catarina ocorre de forma diferenciada, inclusive dos demais estados brasileiros”. Enquanto em outros estados os CTG’s afirmam que seus objetivos são a preservação dos usos e costumes do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina o discurso, segundo Silva, é ainda mais forte, ou seja, o de “reverenciar, no sentido de respeitar, a cultura do estado do Rio Grande do Sul, estado dos fundadores migrantes, pois estavam radicados na fronteira da querência, na fronteira do seu estado de origem” (p. 69).

5.3 A identidade cultural do gaúcho

Silva (2010) argumenta que o intenso deslocamento de migrantes riograndenses ao longo do século passado foi marcado tanto pelas colonizadoras que promoviam a ocupação das novas terras quanto pelos meios de comunicação da época, por intensa propaganda que fortalecia a imagem do gaúcho e povoava o imaginário dos próprios migrantes, criando sentidos de pertencimento e identificação com sua cultura de origem. A “reafirmação de coragem em desbravar o chão desconhecido, de valentia, liberdade e luta por um ideal vem legitimar a identidade do gaúcho” (SILVA, 2010, p. 59).

Segundo Hall (2002), as culturas nacionais em que nascemos se estabelecem em uma das principais fontes de identidade cultural. As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação dessas comunidades. A nação, assim, “não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*” (HALL, 2002, p. 49).

As culturas nacionais (ou mesmo regionais, como no caso da cultura riograndense) são compostas por símbolos e representações e não apenas por instituições culturais. A cultura nacional é um discurso, é um modo de construir sentidos que organiza e influencia tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem-se identidades, cujos sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam o presente com o passado e as imagens de que dela são construídas. O historiador Benedict Anderson (apud HALL, 2002, p. 51) reforça que “a identidade nacional é uma comunidade imaginada”.

De acordo com o autor, as diferenças entre as nações (ou regiões nitidamente marcadas por uma cultura) residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas. A vida das nações, reforça Powell (apud HALL, 2002, p. 51), “é vivida, em grande parte, na imaginação”, ativada por estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais que simbolizam ou representam experiências partilhadas, perdas e triunfos. É isso que dá significado à existência e que, de fato, nos identifica como pertencentes a uma mesma comunidade. Outro aspecto de grande relevância são a ênfase às origens e a continuidade das tradições.

As culturas nacionais (ou regionais), segundo Hall, “são tentadas algumas vezes a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele ‘tempo perdido’, quando a nação era ‘grande’, são tentadas a restaurar as identidades passadas” (p. 56). Ernest Renan disse que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: “a posse em comum de um rico legado de memórias, o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisa, a herança que se recebeu” (RENAN, 1990, p.19 apud HALL, 2002, p. 58).

Não importa, conclui Hall (2002, p. 59), “quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”, ou regional, no caso da cultura riograndense que se estabelece além dos limites do Rio Grande do Sul e que reforça a identidade do gaúcho.

5.4 A importância e características do documentário

O documentário cinematográfico tem importância significativa no resgate e propagação de conteúdos de caráter científico, educativo, informativo ou histórico. No caso deste trabalho, faz-se pertinente tendo em vista a proposta de resgatar e retratar a cultura gaúcha além de seus limites territoriais e levando em consideração a riqueza de imagens, depoimentos e arquivos existentes. Além de ser um recurso de eficiência cognitiva e grande aceitação popular, também funciona como uma ferramenta didaticamente apropriada. Portanto, pertinente no caso de uma proposta que procurou resgatar fatores históricos relacionados à difusão e memória da cultura de um povo.

O filme documentário tem por característica sustentar-se por fatos do real. Trata-se daquilo que realmente aconteceu antes e durante as filmagens. Segundo Puccini (2010), entre depoimentos, entrevistas, tomadas, imagens de arquivo, o documentário reúne e organiza uma

série de materiais para formar uma declaração sobre determinado fato ou acontecimento, que é fora do ambiente do realizador.

“Antes de recorrer a um discurso narrativo, o documentário recorre a uma exposição retórica, para sustentar um argumento que pode ou não se valer de estratégias narrativas em sua condução” (PUCCINI, 2010, p. 24).

Para Puccini, o trabalho de roteirização deixa de ser guiado pela escrita de cenas dramáticas, podendo incluir descrição, sequências de arquivo, situações de entrevistas, sequência de imagens de cobertura, animações gráficas, entre outras. Ainda no trabalho de roteirização vai se contemplar uma estrutura básica, que vai servir como um mapa de orientação durante as filmagens para o documentário, podendo ser alterado no decorrer da produção ou durante as gravações com possíveis imprevistos.

6 METODOLOGIA APLICADA

Desde o início a ideia era produzir um documentário jornalístico audiovisual sobre a disseminação da cultura gaúcha em Santa Catarina, tomando por motivação a criação do primeiro CTG fora do estado do Rio Grande do Sul, o CTG – Fronteira da Querência, resgatando-se a importância do surgimento dessa entidade em terras vizinhas. Desta forma, o método que consideramos mais adequado para a investigação é o indutivo, que, de acordo com Gil (2007), parte da observação dos fatos e de fenômenos e causas que se deseja conhecer.

Como já dissemos, procuramos produzir um documentário audiovisual do surgimento da primeira entidade tradicionalista fora do seu contexto, considerando já haver uma relação dinâmica, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. De acordo com Puccini (2010, p. 24),

o discurso do filme documentário tem por característica sustentar-se por ocorrência do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não aquilo que poderia ter acontecido, como no caso do discurso narrativo ficcional (PUCCINI, 2010, p. 24).

Puccini ressalta que o documentário tem por base a pesquisa, o material de arquivo, os personagens, entrevistas e a pesquisa de campo sobre o tema proposto. A proposta de um texto é o resultado de uma primeira etapa de pesquisa, para promover o aprofundamento sobre o tema de modo a garantir as condições do processo de filmagem do documentário. O material de arquivo é um recurso adotado com frequência como uma forma de ilustrar e resgatar acontecimentos ou eventos passados, usados pelo documentarista na ideia de enriquecer o

conteúdo. As pré-entrevistas são úteis tanto para aprofundar informações, quanto para as já coletadas, e para selecionar entrevistados como possíveis personagens para o documentário, através do comportamento de cada um diante da câmera, e na sua articulação no jeito de falar (no caso de pré-entrevistas gravadas). Já a pesquisa de campo busca fazer um cuidadoso estudo das locações, para a prevenção de problemas técnicos relacionados com a iluminação e captação do som, além de fazer com que o documentarista se sinta à vontade com o cenário abordado.

Na apresentação do assunto, Puccini (2010) ressalta que Syd Field chama a atenção em seus manuais, “para a necessidade de o roteirista introduzir a história logo nas primeiras dez páginas”. Já para Hampe (1997, p. 23) o início de um filme deve “expor o tema, levantar uma questão ou apresentar algo novo ou inesperado”. Nessa apresentação do tema, o documentarista deve informar “o problema com o qual o documentário lida, as principais pessoas envolvidas – e o que mais o espectador necessitar saber para que o documentário siga adiante” (*ibid*). Já no desenvolvimento do assunto, precisa manter o interesse do espectador, e não apenas aguçar sua curiosidade nas sequências iniciais.

Para as filmagens das entrevistas, as opções de enquadramento ficam sujeitas às composições do plano médio, primeiro plano e close-up. A recomendação de Puccini é que não se filme toda a entrevista em plano geral, fazendo que o entrevistado ocupe um espaço mínimo do quadro. A variação desses enquadramentos na entrevista é um recurso recorrente nas filmagens. Puccini ressalta que “a variação de enquadramentos cria também uma maior dinâmica para o documentário, dinâmica muitas vezes usada para combater a monotonia de uma entrevista longa tomada em plano único sem variação de enquadramentos” (p. 68).

A montagem do documentário inicia com o processo de análise das imagens filmadas. O roteiro de edição será uma leitura do material bruto, imagens e sons. Este roteiro pode não seguir a ordem da estrutura do projeto da pré-produção. No processo de seleção, o editor pode se deparar com três tipos de sequência: de entrevistas, de ação, de material de arquivo. Esses três tipos podem acrescentar sequências formadas, como animações gráficas, podem incluir cartelas de textos e imagens em *still*, como fotografias e documentos, que também fazem parte do material de arquivo coletado. Podemos finalizar esse processo metodológico documental com a dica de Edgar Moura (apud Puccini, 2010, p.80):

Num documentário, só olhe as pessoas. Esqueça o quadro, a composição e a arte. Concentre-se nas pessoas e preste toda a atenção do mundo ao que elas estão dizendo; você está lá para isso: ver, e reagir ao que estiver acontecendo de verdade.

Conforme a dica de Moura, devemos reagir, prestigiar o momento, conferir e verificar o que lhe diz suas fontes, você está lá para verificar a veracidade dos fatos e concentrar-se na história que lhe está sendo contada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o tradicionalismo gaúcho em Santa Catarina resultou em um documentário jornalístico, com ênfase na criação do primeiro CTG – Centro de Tradições Gaúcha criado fora do estado do Rio Grande do Sul, e a identidade gaúcha em terras catarinenses levadas pelo processo de colonização do estado.

Além de o documentário tratar sobre o primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul, faz o resgate dessa carga simbólica que viria a sedimentar a identidade do gaúcho fora de seu território de origem, e do processo de surgimento do CTG Fronteira da Querência, através de um programa de rádio, gerando um papel importante com a divulgação da cultura e da música gaúcha.

O documentário audiovisual foi de extrema importância para a investigação dessas motivações, ampliando a compreensão do tradicionalismo gaúcho e do resgate histórico relacionado à colonização do oeste catarinense. Além de ser um recurso de eficiência cognitiva e grande aceitação popular, também funciona como uma ferramenta didaticamente apropriada. Destacando-se que é uma produção cinematográfica inédita referente ao tema usando as técnicas jornalísticas, tendo importância significativa no resgate e propagação de conteúdos de caráter científico, educativo, informativo ou histórico.

O projeto documental “Ser Gaúcho – O primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul” tem duração de 34 minutos, e foi composto por depoimentos, entrevistas, tomadas, imagens de arquivo, reunindo historiador, tradicionalistas, músicos e representantes de entidades identificadas com a cultura gaúcha no estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. São Paulo: Campus, 2008.

FOLADOR, João David. **Gaúchos em Santa Catarina e Paraná**. Curitiba: Instituto Memória, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MAESTRI, Mário (org.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. 2.ed., Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário – Da pré-produção à pós-produção**. 2.ed., Campinas: Papirus, 2009.

SILVA, Edinéia Pereira. **A construção de uma memória gaúcha em Santa Catarina**. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em História). PUCRS, Porto Alegre, 2010.

WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2006.